



As influenciadoras Mariana Xavier, Lidi Lisboa, Marcela Mc Gowan, Vivi Cake, Mirelle Moschella, Beatriz Souza e Fernanda Lima estiveram presentes no evento

Créditos/ Junior Rosa

DISPARIDADE REGIONAL

- Segundo dados da análise regional realizada pelo Inca, o câncer do colo de útero é o segundo mais incidente nas regiões Norte (20,48/100 mil habitantes) e Nordeste (17,59/100 mil). “Esse é um câncer erradicável, assim como vários outros relacionados ao HPV, e ainda temos esse número tão alto e tão forte, que infelizmente é uma disparidade inclusive social”, lamenta Márcia Abadi, diretora médica da MSD Brasil.

POR QUE MARÇO?

De acordo com diretor da unidade de negócios de vacinas privadas da MSD Brasil, Fernando Cirino, a escolha do mês de março para a campanha foi motivada pelas datas comemorativas do mês:

- **4 de março:** Dia Mundial da Conscientização sobre o HPV
- **8 de março:** Dia Internacional das Mulheres
- **26 de março:** Dia Mundial da Prevenção contra o Câncer de Colo de Útero

A testagem é recomendada a cada cinco anos. Essa mudança traz melhor adesão e facilita o acesso ao exame, por conta do maior intervalo entre os exames. A tecnologia será implementada no SUS para toda população, seguindo as metas impostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para 2030, que são aumentar a vacinação contra o HPV para 90% de cobertura; garantir que 70% das mulheres sejam examinadas pelo menos aos 35 e aos 45 anos; e assegurar que 90% das pacientes diagnosticadas com câncer de colo do útero recebam o tratamento necessário.

Superação!

O evento contou com o relato de um caso real. Mirelle Moschella, jornalista e apresentadora da Band, recebeu o diagnóstico de câncer aos 34 anos, já em estágio avançado, no início da pandemia de covid-19. Ela suspeitou e procurou ajuda médica por conta de sangramentos. “Imaginava que seria uma menstruação desregulada, mas que, na verdade, já estava acontecendo há 11 dias. O meu corpo deu um sinal quando eu fui ao banheiro e tive uma

hemorragia com coágulos muito grandes, que cabiam na palma da minha mão”, relatou.

Segundo Mirelle, receber o diagnóstico foi uma surpresa, já que sempre foi uma pessoa muito ativa, com uma alimentação saudável, com 34 anos e sem filhos. O processo de tratamento da apresentadora foi desafiador: passou por uma histerectomia total — cirurgia da retirada do útero e colo do útero — com sequência de sessões de radioterapia, quimioterapia e, por fim, braquiterapia, método com radiação diretamente no canal vaginal. Tudo isso durante a pandemia.

A importância da vacinação foi ressaltada mais uma vez, já que ela não foi vacinada quando criança por falta de instrução e informação da família: “Na minha cabeça, só adolescentes e crianças receberam essa vacina. Então, como eu já tinha passado dos 30, pensava que a vacina não era para mim. Mas eu fui vacinada e estou com duas doses, indo para a terceira.”

Rede de apoio

Receber um diagnóstico de câncer muda completamente a vida do paciente e é um momento de incertezas. O impacto emocional e físico da doença acaba exigindo muito mais do que um acompanhamento médico, mas também um suporte que vá além dos consultórios e hospitais. E com isso, a rede de apoio entra em ação: familiares e amigos têm um papel importante nessa jornada para tentar tornar essa etapa mais leve possível.

Assim aconteceu com a atriz Mariana Xavier, que foi rede de apoio para a mãe quando ela enfrentou um câncer de colo de útero. “Quando recebemos o diagnóstico, foi um grande susto, porque a minha mãe tinha apenas 54 anos e sempre fez todos os exames regularmente. Felizmente, na época, eu morava com ela e tive toda a possibilidade de ser essa rede de apoio, de acompanhar todo esse tratamento, dar todo o amparo financeiro, físico, emocional, que muita gente não tem.”

Para a atriz, é necessário usar toda a sua influência para disseminar informações sobre a doença: “A partir de toda essa informação que tive durante essa vivência com a minha mãe, senti que fazia parte do meu papel social usar minha visibilidade para alertar outras pessoas, e tentar evitar que outras passem pelo que a gente passou, tanto a minha mãe como o paciente, quanto eu, como familiar e cuidadora”, relatou Mariana.

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**

*** A estagiária viajou a São Paulo a convite da MSD Brasil**

postos de saúde, os que desejam tomar o imunizante, mas ultrapassaram a idade de 14 anos podem procurar clínicas particulares.

De acordo com o Ministério da Saúde, de 2019 para 2022, a cobertura vacinal caiu em 11,27% entre as meninas, e 9,39% entre os meninos. “Atualmente, tem um programa temporário de extensão para essa vacina, até os 19 anos. Ela foi criada justamente porque, durante o período de pandemia, várias crianças e adolescentes não foram vacinados”, explica Andréa Gadêlha, médica oncologista e presidente do grupo brasileiro de tumores ginecológicos.

Somados à vacina e ao uso de preservativos, os métodos de rastreamento são importantes aliados como estratégias de prevenção. Periodicamente, as mulheres devem realizar exame preventivo, que é capaz de detectar lesões pré-câncer. É preconizado pelo Inca que toda mulher a partir dos 25 anos deve fazer o papanicolau a cada três anos, e em casos de presença de lesões, todos os anos.

O método mais eficaz de prevenção é o rastreamento pelo DNA do HPV, que tem quatro vezes mais precisão no diagnóstico do que o papanicolau, com base em um estudo conduzido pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O exame é similar ao preventivo, uma vez que ambos envolvem a coleta da secreção do colo do útero, com a vantagem de conseguir antecipar e detectar mulheres que tenham um maior risco à doença, proporcionando um diagnóstico e tratamento mais preciso.